


**PSICOPEDAGOGIA EM AÇÃO: ESTRATÉGIAS DE APRENDIZADO E BEM-ESTAR PARA A
FORMAÇÃO INTEGRAL DO ESTUDANTE****PSYCHOPEDAGOGY IN ACTION: LEARNING AND WELL-BEING STRATEGIES FOR
COMPREHENSIVE STUDENT TRAINING** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-023>**Germanio Simão de Jesus**

Licenciado em História
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Licenciado em Pedagogia
Centro Universitário Cidade Verde (UniCV)
Mestrando em Ensino de História
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Rondonópolis - Mato Grosso, Brasil
E-mail: germaniosimao@gmail.com

Valéria Augusta Cruz Pinto

Licenciada em Pedagogia
Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Mestranda em Educação
Universidade federal de Rondonópolis -UFR
Rondonópolis - Mato Grosso, Brasil
E-mail: valeria.opo@gmail.com

Viviane Aparecida de Almeida

Licenciada em Pedagogia
Faculdade de Cuiabá (UNIC)
E-mail: vivianealmeiida@hotmail.com

RESUMO

A psicopedagogia consolidou-se como um campo de estudo e prática essencial para compreender os processos de aprendizagem e propor intervenções que favoreçam o desenvolvimento integral do estudante. Este artigo analisa a relação entre aprendizado e bem-estar, destacando a importância das emoções, das interações sociais e do contexto escolar para a formação do sujeito. Para tanto, fundamenta-se em referenciais teóricos de autores clássicos e contemporâneos da psicopedagogia, psicologia e educação, articulando-os com práticas aplicáveis ao cotidiano escolar. São apresentadas estratégias que contemplam tanto o aspecto cognitivo quanto o socioemocional do discente, incluindo metodologias ativas, atividades lúdicas, recursos tecnológicos e práticas de promoção da autoestima. O objetivo é oferecer uma reflexão crítica e orientações práticas que possam auxiliar educadores, psicopedagogos e demais profissionais da educação na promoção de ambientes pedagógicos inclusivos, motivadores e saudáveis. Conclui-se que a integração entre aprendizagem e bem-estar potencializa o processo formativo e contribui para a construção de uma educação humanizadora.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Aprendizado; Bem-estar; Desenvolvimento integral; Educação.



ABSTRACT

Psychopedagogy has established itself as an essential field of study and practice to understand learning processes and to propose interventions that foster the integral development of students. This article analyzes the relationship between learning and well-being, highlighting the importance of emotions, social interactions, and the school context in student formation. It is based on theoretical references from classical and contemporary authors in psychopedagogy, psychology, and education, articulating them with practical applications in the school routine. Strategies are presented that address both cognitive and socio-emotional aspects, including active methodologies, ludic activities, technological resources, and practices that promote self-esteem. The purpose is to provide a critical reflection and practical guidelines that may support educators, psychopedagogues, and other education professionals in promoting inclusive, motivating, and healthy learning environments. It is concluded that the integration of learning and well-being enhances the formative process and contributes to the construction of a humanizing education.

Keywords: Psychopedagogy; Learning; Well-being; Integral development; Education.



1 INTRODUÇÃO

A psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, surgiu da necessidade de compreender as dificuldades de aprendizagem a partir de uma perspectiva que integra elementos da psicologia, da pedagogia, da psicanálise e das neurociências. Mais do que apenas identificar obstáculos cognitivos, esse campo busca propor intervenções capazes de promover o desenvolvimento integral do sujeito, reconhecendo que aprender é um processo que envolve dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais (BOSSA, 2007).

No contexto contemporâneo, marcado por rápidas transformações tecnológicas, intensificação das desigualdades sociais e crescente valorização da saúde mental, o debate sobre a articulação entre aprendizado e bem-estar torna-se cada vez mais urgente. O estudante não pode ser visto apenas como um receptor de conteúdos escolares, mas como um ser integral, cujas emoções, vivências familiares, contextos comunitários e expectativas de futuro influenciam diretamente seu desempenho acadêmico (FERNÁNDEZ, 2001).

Diversos estudos têm evidenciado que um ambiente escolar saudável, pautado pela cooperação, pela escuta e pelo respeito às diversidades, impacta positivamente os processos de ensino e aprendizagem (ANTUNES, 2012). Nesse sentido, a psicopedagogia amplia seu escopo de atuação: não se limita ao diagnóstico de dificuldades, mas busca implementar práticas preventivas e interventivas que contemplem tanto a dimensão cognitiva quanto a socioemocional do estudante.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a contribuição da psicopedagogia na promoção do aprendizado e do bem-estar do discente, discutindo estratégias práticas que favoreçam sua formação integral. A relevância da temática reside no fato de que a escola contemporânea precisa ser um espaço de construção de conhecimento, mas também de valorização da subjetividade, do cuidado e do fortalecimento da autoestima.

Como lembra Paulo Freire (1996, p. 67), “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*”. Essa máxima freireana reforça a ideia de que a aprendizagem é inseparável do ambiente humano em que se realiza e que o bem-estar é um fator determinante para que o estudante se engaje no processo educativo.

2 FUNDAMENTOS DA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia é um campo do conhecimento que se consolidou na interface entre a Psicologia e a Pedagogia, voltando-se para o estudo dos processos de aprendizagem e das dificuldades que podem surgir em seu percurso. Surgiu na América Latina, sobretudo na Argentina, nas décadas de 1960 e 1970, com nomes como Jorge Visca, Sara Paín e Alicia Fernández, que contribuíram para estruturar uma visão



integradora dos fatores emocionais, cognitivos e sociais no desenvolvimento humano (FERNÁNDEZ, 2001).

No Brasil, a psicopedagogia ganhou espaço principalmente a partir dos anos 1980, sendo difundida por estudiosos como Maria Helena Souza Patto e Nádia Bossa. Para Bossa (2007, p. 23), “a psicopedagogia investiga o processo de aprendizagem, levando em conta as dimensões cognitivas, afetivas e sociais, e busca compreender não apenas as dificuldades, mas também os aspectos que potencializam esse processo”. Essa perspectiva evidencia que o objetivo da área não é somente intervir diante de problemas, mas também atuar preventivamente no contexto escolar.

A importância da psicopedagogia reside em sua capacidade de enxergar o estudante como um sujeito integral, cujas experiências de vida, emoções e relações influenciam seu modo de aprender. Alicia Fernández (2001) lembra que a aprendizagem é sempre atravessada pela história pessoal, pelo vínculo com a família e pela cultura na qual o indivíduo está inserido. Assim, a prática psicopedagógica precisa considerar que o ato de aprender não se reduz à assimilação de conteúdos, mas envolve dimensões subjetivas.

Nesse sentido, Fernandez afirma:

A aprendizagem é, antes de tudo, uma produção subjetiva. Ela se constitui a partir de uma rede de significados que o sujeito constrói ao longo da vida, marcada por sua inserção familiar, social e cultural. Não se aprende apenas com a razão, mas com a história que se traz, com os afetos e com os vínculos que se estabelecem. (FERNANDES, 2001, p. 45)

Esse olhar integral aproxima a psicopedagogia de teorias educacionais de autores como Jean Piaget e Lev Vygotsky. Para Piaget (1976), o desenvolvimento cognitivo ocorre em estágios, a partir da interação entre sujeito e meio, sendo a aprendizagem fruto da assimilação e da acomodação de novos conhecimentos. Já Vygotsky (1989) ressalta a dimensão social e cultural, enfatizando que o aprendizado se dá por meio das interações sociais, especialmente na chamada zona de desenvolvimento proximal, em que o sujeito se beneficia da mediação de um adulto ou de colegas mais experientes.

A psicopedagogia, ao dialogar com esses referenciais, amplia seu campo de atuação ao reconhecer que cognição e emoção são inseparáveis no processo de aprendizagem. Como aponta Bossa (2007, p. 41):

“Nenhuma aprendizagem significativa pode acontecer sem que o sujeito esteja implicado afetivamente. O investimento emocional é condição fundamental para que o conhecimento seja incorporado e ressignificado pelo aprendiz.”

Portanto, compreender os fundamentos da psicopedagogia significa reconhecer sua natureza interdisciplinar, marcada pelo diálogo constante com áreas como a psicanálise, a neurologia e as ciências



da educação. Esse caráter múltiplo permite que a prática psicopedagógica vá além da intervenção clínica, expandindo-se para o campo institucional, preventivo e formativo.

3 APRENDIZADO E BEM-ESTAR: CONEXÕES ESSENCIAIS

A relação entre aprendizado e bem-estar tem sido cada vez mais reconhecida nas pesquisas educacionais e psicológicas. O processo de aprendizagem não pode ser visto apenas como uma atividade cognitiva isolada, mas sim como um fenômeno humano que envolve dimensões afetivas, sociais e culturais. O estudante aprende de maneira mais significativa quando se sente acolhido, motivado e em condições emocionais adequadas para interagir com os conhecimentos escolares.

Segundo Damásio (2012), o funcionamento da mente humana não pode ser dissociado das emoções, pois estas desempenham um papel regulador fundamental no processo de tomada de decisões e na aquisição de novos conhecimentos. Para o neurocientista, “sem emoção não existe raciocínio plenamente eficaz”. Essa constatação dialoga diretamente com a psicopedagogia, que busca compreender como o afeto e a motivação influenciam o modo como o estudante se apropria do saber.

O bem-estar escolar envolve tanto aspectos individuais — como autoestima, confiança e motivação — quanto coletivos — como o clima escolar, a qualidade das relações interpessoais e a presença de práticas pedagógicas inclusivas. Como destaca Hargreaves:

Ensinar e aprender são processos profundamente emocionais. Professores e alunos constroem suas identidades em meio às relações que estabelecem, e o clima de confiança e respeito mútuo é essencial para que o aprendizado se torne um processo vivo, dinâmico e significativo. (HARGREAVES, 2003, p. 89)

Essa perspectiva amplia a compreensão de que a escola não pode se restringir a transmitir conteúdos; ela deve constituir-se em um espaço que promova a saúde mental e emocional dos sujeitos que dela participam.

A psicopedagogia contribui nesse cenário ao propor estratégias que integrem as dimensões cognitivas e afetivas do processo educativo. Alicia Fernández (2001), ao analisar a relação entre desejo e aprendizagem, ressalta que o estudante precisa encontrar sentido pessoal no que aprende, caso contrário, o conhecimento escolar se tornará vazio e rapidamente esquecido. Em suas palavras:

O desejo de aprender nasce do encontro entre a curiosidade do sujeito e o desejo do outro que ensina. É nesse espaço de encontro, de diálogo e de vínculo afetivo que a aprendizagem se torna possível. Quando o estudante se percebe reconhecido, valorizado e implicado, o conhecimento passa a ter significado em sua vida.” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 72).



Essa visão aproxima-se também da pedagogia freireana, que entende a educação como um processo de humanização. Paulo Freire afirma:

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. A aprendizagem é, portanto, um ato de libertação que só acontece quando o educando participa ativamente, em diálogo, trazendo sua experiência e construindo seu conhecimento em comunhão com o educador. (FREIRE, 1996, p. 45)

Nessa perspectiva, promover o bem-estar escolar significa criar condições para que o estudante participe de modo ativo, crítico e criativo no processo de ensino-aprendizagem. Essa participação ativa é diretamente proporcional ao sentimento de pertencimento e reconhecimento dentro do ambiente escolar.

Outro aspecto importante é a relação entre saúde mental e aprendizagem. Pesquisas recentes apontam que estudantes submetidos a altos níveis de estresse, ansiedade ou violência escolar apresentam maiores dificuldades de concentração e de desempenho acadêmico (CUNHA; ALMEIDA, 2020). Isso mostra que a qualidade do ambiente educativo é determinante para o sucesso da aprendizagem.

Portanto, a integração entre aprendizado e bem-estar não é apenas um ideal teórico, mas uma necessidade prática no cotidiano das escolas. Como sintetiza Antunes (2012, p. 103): “Não existe aprendizagem consistente em um ambiente de medo, repressão ou hostilidade. O conhecimento só floresce quando a escola se constitui como espaço de liberdade, diálogo e acolhimento.”

Dessa forma, compreender as conexões essenciais entre aprender e estar bem conduz a uma prática pedagógica mais humanizadora, que valoriza a subjetividade dos sujeitos e reconhece a importância das relações interpessoais na formação integral. A psicopedagogia, nesse contexto, atua como um elo que articula teoria e prática, oferecendo instrumentos de análise e intervenção que tornam possível integrar a dimensão cognitiva e a dimensão socioemocional do processo de aprender.

4 A PSICOPEDAGOGIA NA ESCOLA

A escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral do ser humano, pois congrega dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais da formação. Nesse cenário, a psicopedagogia tem se afirmado como um campo indispensável para compreender as relações de aprendizagem e propor estratégias que favoreçam o sucesso escolar de todos os estudantes.

No Brasil, a ampliação do debate sobre a função da psicopedagogia escolar acompanha as mudanças nas políticas educacionais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já apontavam a necessidade de considerar aspectos emocionais e sociais no processo de aprendizagem. Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a ideia de uma educação integral, voltada não apenas para a cognição, mas também para a



formação socioemocional dos estudantes. Assim, a psicopedagogia institucional se alinha a esse movimento ao reconhecer que o aprendizado pleno ocorre quando o estudante se sente acolhido, seguro e motivado.

Bossa (2007, p. 66) enfatiza que a psicopedagogia escolar “atua como mediadora entre as dificuldades de aprendizagem e os processos institucionais, ajudando a escola a repensar suas práticas e a construir alternativas inclusivas”. Esse papel ultrapassa o atendimento individual ao aluno, alcançando também a formação dos professores, a mediação com as famílias e a promoção de projetos coletivos.

Nesse sentido, pode-se identificar quatro dimensões principais da atuação psicopedagógica na escola:

1. **Dimensão diagnóstica e preventiva** – identificação precoce de sinais de dificuldade de aprendizagem, evitando que se tornem problemas crônicos;
2. **Dimensão interventiva** – proposição de estratégias diferenciadas e acompanhamento pedagógico de alunos com necessidades específicas;
3. **Dimensão formativa** – assessoria a professores na elaboração de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas;
4. **Dimensão institucional** – participação na construção do projeto político-pedagógico, contribuindo para um clima escolar mais saudável.

Fernández (2001) lembra que a escola deve ser vista como uma “rede de vínculos” e não apenas como um espaço de transmissão de conteúdos. Em uma passagem clássica, ela afirma:

Quando a escola se limita à função de transmitir conhecimentos, desconsidera que a aprendizagem se dá em um campo de vínculos, onde desejos, afetos e histórias pessoais se entrelaçam. É nas relações que o sujeito encontra ou não o apoio necessário para aprender. Ignorar essa dimensão é reduzir a educação a um ato mecânico, distante da vida real dos estudantes. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 84).

Essa afirmação nos leva a refletir sobre a importância de o psicopedagogo escolar ser um agente de transformação institucional. Ele não atua de forma isolada, mas em constante parceria com professores e gestores, construindo alternativas que promovam a inclusão e o bem-estar de todos.

Outro ponto relevante é a relação com as famílias. Estudos indicam que a participação dos pais no processo educativo é um dos fatores que mais influenciam no desempenho escolar dos alunos (CUNHA; ALMEIDA, 2020). O psicopedagogo pode organizar encontros, oficinas e orientações que fortaleçam esse vínculo, ajudando as famílias a compreender melhor o processo de aprendizagem e a oferecer suporte em casa.

Paulo Freire já destacava a necessidade de integrar escola e comunidade:



A escola que se fecha sobre si mesma não consegue dialogar com a realidade concreta dos educandos. É preciso reconhecer que a educação é um ato coletivo, que envolve professores, famílias e a comunidade como um todo. Só assim se pode construir uma prática educativa verdadeiramente libertadora. (FREIRE, 1996, p. 78)

Outro aspecto que merece destaque é a inclusão escolar. Com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), consolidou-se a presença de estudantes com deficiência e transtornos de aprendizagem nas escolas regulares. Nessa realidade, o psicopedagogo atua de forma estratégica, colaborando com professores para planejar adaptações curriculares e propor metodologias diversificadas que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem.

Como bem sintetiza Antunes:

A escola que se dispõe a ser inclusiva precisa compreender que ensinar a todos não significa ensinar da mesma maneira. O psicopedagogo, ao traduzir as singularidades de cada aprendiz em práticas concretas, torna-se peça-chave para a garantia de uma educação de qualidade e verdadeiramente democrática. (ANTUNES, 2012, p. 121)

Por fim, a psicopedagogia na escola também tem um papel importante na promoção da saúde mental. Com o aumento dos casos de ansiedade, depressão e estresse entre crianças e adolescentes, o psicopedagogo pode colaborar em projetos voltados ao fortalecimento da autoestima, da resiliência e do autoconhecimento dos estudantes. Essas iniciativas, quando articuladas ao currículo, criam um ambiente propício ao desenvolvimento integral.

5 ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS DE APRENDIZADO

As estratégias psicopedagógicas de aprendizado constituem um conjunto de práticas destinadas a favorecer a apropriação do conhecimento pelo estudante, considerando suas dimensões cognitivas, emocionais e sociais. O objetivo não é apenas superar dificuldades de aprendizagem já diagnosticadas, mas também criar condições preventivas para que o estudante se sinta motivado e engajado no processo educativo.

Uma das principais contribuições da psicopedagogia é compreender que cada sujeito aprende de forma singular. Essa singularidade exige que o ambiente escolar seja flexível, acolhedor e atento às diferentes formas de expressão do conhecimento. Como observa Vygotsky (1989), o desenvolvimento cognitivo acontece no espaço da interação social e se dá na zona de desenvolvimento proximal, em que o estudante consegue avançar com o auxílio de mediadores. Nesse contexto, o psicopedagogo é um facilitador que propõe estratégias capazes de potencializar tais avanços.



5.1 METODOLOGIAS ATIVAS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Uma estratégia central é o uso das metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, em problemas e em equipes. Essas práticas estimulam a autonomia, o pensamento crítico e a cooperação. Quando o aluno se torna protagonista, passa a construir o conhecimento em interação com os colegas e com o professor. Ausubel (2003) já destacava a importância da aprendizagem significativa:

O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Em vez de memorizar informações isoladas, o sujeito precisa relacionar os novos conhecimentos às estruturas cognitivas previamente existentes, atribuindo-lhes significado pessoal. (AUSUBEL, 2003, p. 21).

A psicopedagogia encontra, nessa abordagem, respaldo para propor atividades que levem em conta os saberes prévios, respeitem os ritmos individuais e estimulem a motivação intrínseca.

5.2 JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS

O uso de jogos pedagógicos e atividades lúdicas também é um recurso de grande valor psicopedagógico. Piaget (1976) afirmava que o brincar é essencial ao desenvolvimento cognitivo, pois permite que a criança exerça sua capacidade de simbolizar, experimentar regras e resolver problemas.

A ludicidade, além de estimular a criatividade, promove o prazer em aprender e contribui para o fortalecimento da autoestima. Em ambientes onde a aprendizagem se dá de forma prazerosa, os resultados tendem a ser mais consistentes. Nesse sentido, Antunes ressalta:

O jogo não deve ser visto como um mero passatempo, mas como uma atividade estruturada que possibilita à criança explorar hipóteses, elaborar estratégias e enfrentar desafios cognitivos. É no brincar que ela exercita suas funções mentais superiores, integrando emoção e razão em um mesmo processo. (ANTUNES, 2012, p. 142)

5.3 RECURSOS DIGITAIS E INOVAÇÃO

Outro campo em expansão é o uso das tecnologias digitais na educação. Plataformas interativas, aplicativos educativos e ambientes virtuais de aprendizagem permitem que os estudantes experimentem novos modos de aprender. No entanto, é fundamental que esses recursos sejam utilizados de maneira crítica e planejada.

David Buckingham (2010), estudioso da mídia e da educação, adverte que as tecnologias não devem ser vistas como soluções mágicas:

O simples acesso às tecnologias não garante a aprendizagem. O que realmente importa é a forma como elas são integradas a contextos pedagógicos significativos, capazes de promover a reflexão, a colaboração e a produção crítica de conhecimento. (BUCKINGHAM, 2010, p. 55).



A psicopedagogia pode colaborar com os professores na escolha e adaptação de recursos digitais, assegurando que estes não substituam a mediação humana, mas sim a potencializem.

5.4 OFICINAS E PRÁTICAS COLETIVAS

As oficinas psicopedagógicas constituem outra estratégia importante. Elas podem ser organizadas em grupos pequenos e permitem trabalhar competências como leitura, escrita, raciocínio lógico, expressão oral e cooperação. Nessas atividades, o psicopedagogo valoriza os processos de interação, observando as dificuldades e propondo intervenções personalizadas.

Além disso, oficinas coletivas favorecem a construção de vínculos entre os estudantes, reduzindo sentimentos de isolamento e reforçando o senso de pertencimento. Esse aspecto é essencial, pois o sentimento de exclusão é um dos fatores que mais prejudica a motivação para aprender (CUNHA; ALMEIDA, 2020).

5.5 AUTONOMIA E AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Por fim, é importante destacar a promoção da autorregulação da aprendizagem, entendida como a capacidade do estudante planejar, monitorar e avaliar suas próprias estratégias cognitivas. Segundo Zimmerman:

Estudantes autorregulados são aqueles que assumem um papel ativo em seu próprio processo de aprender. Eles definem metas, escolhem estratégias, monitoram seu progresso e ajustam seus esforços conforme necessário, desenvolvendo um senso de responsabilidade sobre sua formação. (ZIMMERMAN, 2002, p. 67)

A psicopedagogia contribui para esse processo ao orientar os alunos a reconhecerem suas potencialidades, organizarem rotinas de estudo e criarem estratégias personalizadas para enfrentar dificuldades.

6 ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA O BEM-ESTAR

Ao lado do aprendizado cognitivo, o bem-estar do estudante é uma dimensão fundamental para o desenvolvimento integral. A psicopedagogia reconhece que a aprendizagem só se efetiva plenamente quando o sujeito se encontra em condições emocionais favoráveis. O estudante que se sente valorizado, seguro e confiante tem maior disposição para enfrentar desafios e se engajar em atividades escolares.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) define bem-estar como um estado em que o indivíduo reconhece suas próprias capacidades, consegue lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para sua comunidade. Adaptando esse conceito ao contexto educacional,



pode-se dizer que o bem-estar escolar envolve tanto a saúde mental quanto o sentimento de pertencimento, a motivação intrínseca e a valorização da identidade do estudante.

6.1 AUTOESTIMA E RECONHECIMENTO DO SUJEITO

Um dos pontos centrais do trabalho psicopedagógico é promover a **autoestima**. Estudantes com baixa autoestima tendem a evitar tarefas desafiadoras, a desistir diante das primeiras dificuldades e a apresentar resistência à aprendizagem. Nesse sentido, a escola deve constituir-se como espaço de valorização e reconhecimento.

Alicia Fernández afirma:

A criança aprende não apenas conteúdos, mas aprende também sobre si mesma. Aprende se é capaz, se é reconhecida, se tem um lugar no mundo. Quando a escola reforça positivamente esse olhar, ela contribui para a construção de um sujeito seguro e disposto a enfrentar novos desafios. (FERNANDEZ, 2001, p. 92)

Essa concepção reforça a necessidade de práticas pedagógicas que ofereçam feedbacks construtivos, valorizem as conquistas dos estudantes e reconheçam seus esforços, e não apenas seus resultados.

6.2 MINDFULNESS E ATENÇÃO PLENA

Nos últimos anos, estratégias de atenção plena (mindfulness) têm ganhado espaço no ambiente escolar como ferramentas para reduzir o estresse, melhorar a concentração e fortalecer a resiliência. A psicopedagogia pode incorporar exercícios de respiração, meditação guiada e pequenas pausas de relaxamento no cotidiano escolar.

Segundo Kabat-Zinn (2017, p. 54): “Mindfulness significa prestar atenção, de maneira intencional, ao momento presente, sem julgamentos. Essa prática permite que o sujeito reconheça seus estados emocionais e responda de forma mais equilibrada às demandas externas.”

Estudos indicam que programas de mindfulness aplicados em escolas contribuem para a melhoria do clima de sala de aula, o aumento da empatia e a diminuição da ansiedade em estudantes (CUNHA; ALMEIDA, 2020).

6.3 MOTIVAÇÃO E ENGAJAMENTO

Outro elemento essencial é a **motivação**. A psicopedagogia entende que o ato de aprender precisa fazer sentido para o estudante. Atividades descontextualizadas ou excessivamente conteudistas tendem a desmotivar. Nesse sentido, é fundamental que o professor e o psicopedagogo construam propostas que



dialoguem com a realidade do estudante, valorizando sua cultura, seus interesses e suas experiências de vida.

Paulo Freire (1996, p. 69) lembra que: “É preciso que o educador desafie o educando com situações concretas, que lhe provoquem curiosidade e desejo de conhecer. Ninguém aprende sem motivação, sem encontrar no conhecimento um sentido para sua existência.”

Assim, a motivação não deve ser entendida como algo externo, imposto pelo professor, mas como um processo interno que nasce do reconhecimento do valor e da relevância do aprendizado para a vida do estudante.

6.4 RESILIÊNCIA E ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES

A psicopedagogia também contribui para o desenvolvimento da **resiliência**, ou seja, a capacidade de enfrentar adversidades e superá-las. No ambiente escolar, isso significa ajudar o estudante a lidar com fracassos, frustrações e desafios sem perder a confiança em suas próprias capacidades.

Segundo Cyrulnik (2005, p. 43): “Ser resiliente não é evitar o sofrimento, mas aprender a transformá-lo. É a capacidade de encontrar recursos internos e externos para reconstruir-se diante da adversidade.”

No contexto escolar, práticas de resiliência podem incluir rodas de conversa, projetos de cooperação entre pares, atividades de resolução de problemas e incentivo ao pensamento crítico.

6.5 PROJETOS COLETIVOS E SENSO DE PERTENCIMENTO

Por fim, o bem-estar também está ligado ao **senso de pertencimento**. Estudantes que se sentem parte de uma comunidade escolar engajam-se mais ativamente e apresentam maior persistência nos estudos. Nesse sentido, a psicopedagogia pode incentivar projetos coletivos que fortaleçam os vínculos entre colegas e professores, como feiras culturais, atividades artísticas, clubes de leitura e projetos sociais.

Antunes (2012, p. 150) sintetiza: “A escola que promove o bem-estar é aquela que se organiza como comunidade de aprendizagem, em que cada sujeito se sente reconhecido e valorizado. Nesse espaço, o conhecimento deixa de ser uma obrigação e passa a ser uma conquista compartilhada.”

Essas estratégias demonstram que promover o bem-estar não significa apenas reduzir o estresse ou evitar conflitos, mas criar condições para que o estudante viva a escola como um espaço de crescimento pessoal e coletivo.

7 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PSICOPEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

A psicopedagogia, enquanto campo em constante transformação, enfrenta diversos desafios no cenário contemporâneo. A sociedade atual é marcada pela diversidade cultural, pelas rápidas mudanças



tecnológicas e pelas novas demandas sociais, que exigem da escola e dos profissionais da educação respostas criativas e inclusivas. Nesse contexto, a psicopedagogia precisa repensar seus fundamentos e suas práticas, ampliando sua atuação e reafirmando sua relevância para a formação integral do estudante.

7.1 INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Um dos maiores desafios atuais é a efetivação da educação inclusiva. A presença de estudantes com deficiência, transtornos de aprendizagem ou em situação de vulnerabilidade social nas escolas regulares requer profissionais preparados para lidar com a diversidade. O psicopedagogo, nesse sentido, precisa atuar como mediador, colaborando com os professores na construção de práticas que respeitem as diferenças e assegurem a todos o direito à aprendizagem.

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) reforça o princípio de que nenhuma pessoa pode ser excluída do sistema educacional em razão de deficiência. Entretanto, o cumprimento dessa lei depende de ações concretas, como formação continuada de professores, adaptação curricular e investimento em recursos pedagógicos acessíveis.

Como aponta Mantoan:

A inclusão escolar não é um favor ou uma concessão, mas um direito humano fundamental. O desafio da escola é transformar-se em um espaço de aprendizagem para todos, reconhecendo que as diferenças não são obstáculos, mas riquezas que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa. (MANTOAN, 2006, p. 34)

Essa perspectiva amplia o papel da psicopedagogia, que não pode se restringir a diagnósticos individuais, mas deve atuar na promoção de uma cultura institucional inclusiva.

7.2 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E EQUIDADE

Outro desafio é a construção de uma educação antirracista, especialmente após a promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A psicopedagogia precisa dialogar com essas políticas, reconhecendo que as dificuldades de aprendizagem também podem estar associadas a processos de exclusão, preconceito e racismo estrutural.

Kabengele Munanga destaca:

O racismo não é apenas uma prática individual, mas um sistema que produz desigualdades e limita oportunidades. A escola, ao reproduzir estereótipos ou silenciar a história e a cultura negra, contribui para o fracasso escolar de milhares de estudantes. (MUNANGA, 2010, p. 19)



Assim, cabe ao psicopedagogo articular estratégias que valorizem a identidade dos estudantes negros, indígenas e de outros grupos historicamente marginalizados, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e para o reconhecimento da diversidade cultural como patrimônio pedagógico.

7.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E NOVOS MODOS DE APRENDER

A expansão das **tecnologias digitais** também traz novos desafios e possibilidades. Por um lado, essas ferramentas ampliam o acesso à informação e permitem novas formas de interação; por outro, podem gerar distrações, dependência e exclusão digital entre aqueles que não têm acesso ou habilidades para utilizá-las.

David Buckingham adverte:

A questão central não é se as crianças utilizam ou não a tecnologia, mas como elas a utilizam. A função da escola não é apenas ensinar a usar ferramentas digitais, mas desenvolver a capacidade crítica para compreender, analisar e produzir conteúdos de forma responsável. (BUCKINGHAM, 2010, p. 59)

Nesse sentido, a psicopedagogia deve contribuir para integrar as tecnologias de modo reflexivo, ajudando a transformar os recursos digitais em aliados do processo educativo, e não em meros instrumentos de repetição.

7.4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Outro desafio é a necessidade de formação continuada para os docentes. Muitos professores não tiveram, em sua formação inicial, conteúdos relacionados à psicopedagogia, às neurociências ou à educação inclusiva. O psicopedagogo pode atuar como formador, promovendo cursos, oficinas e orientações que auxiliem o professor na compreensão das dificuldades de aprendizagem e na adoção de estratégias pedagógicas inovadoras.

Paulo Freire já ressaltava a importância do educador em constante processo de aprendizado:

Ninguém nasce educador pronto. Nos tornamos educadores permanentemente, no exercício da prática e na reflexão sobre ela. A formação é um movimento contínuo de aprendizado e reaprendizado, que exige humildade e abertura para o novo. (FREIRE, 1996, p. 94)

Essa reflexão freireana mostra que a psicopedagogia pode se constituir como parceira fundamental dos professores, favorecendo práticas mais críticas, reflexivas e humanizadoras.



7.5 PERSPECTIVAS FUTURAS

Apesar dos desafios, a psicopedagogia contemporânea também apresenta inúmeras possibilidades. Ao atuar em conjunto com diferentes áreas do conhecimento — psicologia, pedagogia, sociologia e neurociências —, ela pode oferecer respostas inovadoras às demandas atuais da educação. Projetos interdisciplinares, práticas de intervenção precoce e programas de promoção da saúde mental escolar são caminhos promissores.

Além disso, a crescente valorização das competências socioemocionais nos currículos oficiais abre espaço para que a psicopedagogia reafirme sua relevância, uma vez que integra o desenvolvimento cognitivo e emocional em suas práticas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, mostrou-se ao longo deste artigo como uma área essencial para a compreensão dos processos de aprendizagem em sua complexidade. Longe de restringir-se à investigação de dificuldades cognitivas, ela amplia sua atuação ao integrar as dimensões emocionais, sociais e culturais que permeiam o ato de aprender.

A análise desenvolvida nos capítulos anteriores evidenciou que o aprendizado e o bem-estar não podem ser tratados como dimensões separadas. Pelo contrário, constituem-se em eixos interdependentes: não há aprendizagem significativa sem um ambiente escolar acolhedor, que respeite a diversidade e valorize a subjetividade do estudante. Do mesmo modo, não há bem-estar pleno quando o estudante não encontra sentido em suas experiências escolares ou quando sua identidade é desvalorizada.

O artigo destacou, ainda, que a atuação da psicopedagogia na escola deve se estruturar em dimensões preventivas, interventivas, formativas e institucionais. Isso significa que o psicopedagogo não atua apenas junto ao aluno, mas também junto aos professores, gestores e famílias, contribuindo para a construção de uma comunidade escolar integrada.

Paulo Freire já antecipava essa concepção quando afirmou:

A prática educativa deve ser um ato de liberdade, em que educadores e educandos aprendem juntos, em comunhão. A educação que se pretende humanizadora não pode reduzir-se a técnicas, mas deve assumir-se como ato político, cultural e ético. (FREIRE, 1996, p. 101)

As reflexões também apontaram os desafios contemporâneos da psicopedagogia, como a efetivação da inclusão escolar, a construção de uma educação antirracista, o uso crítico das tecnologias digitais e a necessidade de formação continuada dos docentes. Tais desafios, embora complexos, revelam as possibilidades criativas e transformadoras da área.



Nesse sentido, reafirma-se que a psicopedagogia precisa ser entendida não como um campo auxiliar da educação, mas como uma parceira estratégica na construção de uma escola democrática, inclusiva e comprometida com o desenvolvimento integral.

A educação do futuro, para ser verdadeiramente humanizadora, terá de incorporar o princípio de que aprender é um ato que envolve razão e emoção, cognição e afeto, individualidade e coletividade. Como sintetiza Antunes

Ensinar é um ato de afeto e de compromisso. A aprendizagem só acontece quando o sujeito se sente parte de um processo maior, em que seus saberes são valorizados e suas emoções reconhecidas. A psicopedagogia é, nesse sentido, uma ponte entre o conhecimento e a vida. (ANTUNES, 2012, p. 153)

Conclui-se, portanto, que a psicopedagogia em ação representa não apenas um conjunto de práticas, mas um projeto ético e político de educação. Um projeto que busca articular aprendizado e bem-estar como dimensões inseparáveis, capazes de promover a formação integral do estudante e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A prática pedagógica: como ensinar bem**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BOSSA, Nádia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias digitais**. São Paulo: Loyola, 2010.
- CUNHA, Maria Isabel; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Aprendizagem e saúde mental: desafios na contemporaneidade**. Campinas: Papyrus, 2020.
- CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios: histórias de infância difíceis e a superação da adversidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KABAT-ZINN, Jon. **Viver a catástrofe total: como utilizar a sabedoria do corpo e da mente para enfrentar o estresse, a dor e a doença**. São Paulo: Palas Athena, 2017.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.